

## B. HOMENAGEM NO RIO DE JANEIRO, PROMOVIDA PELA FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS

A Fundação Getúlio Vargas realizou no dia 9 de abril de 1964, na sede do Instituto de Seleção e Orientação Profissional, uma homenagem à memória do seu fundador e diretor, o Professor Emílio Mira y López.

Presidiu a sessão o Dr. Luiz Simões Lopez, Presidente da Fundação Getúlio Vargas. Tiveram assento à mesa o Professor Flávio Penteadó Sampaio, diretor da Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Dr. Alim Pedro, Diretor Executivo da Fundação Getúlio Vargas, Professor Luiz Alves de Matos, da Faculdade Nacional de Filosofia e Diretor do Instituto Brasileiro de Administração da Fundação Getúlio Vargas, bem como os oradores Dr. Athayde Ribeiro, representante dos funcionários do ISOP; Professora Emília de Melo Ribeiro, representante dos alunos do Professor Mira y López; Prof.<sup>a</sup> Ruth Scheefffer, que leu o discurso do Professor Lourenço Filho, diretor dos *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*, e Dr. João Carlos Vital, que falou pela Fundação Getúlio Vargas.

Na ocasião, foi descerrado, na sala onde o Professor Mira y López ministrava suas aulas e realizava as reuniões técnicas do ISOP, um retrato seu e uma placa com os seguintes dizeres:

*EMÍLIO MIRA Y LÓPEZ — 1896 — 1964*  
*MORTAL PORQUE HOMEM,*  
*IMORTAL PORQUE SÁBIO,*  
*MESTRE E AMIGO.*

*Palavras do Dr. ATHAYDE RIBEIRO*

“Por delegação de meus colegas do ISOP, cabe-me falar nesta homenagem à memória do Prof. Mira y López.

Em nossos corações, esta casa terá sempre o nome, o espírito e a presença de Mira y López; a figura dele estará sempre freqüentando êsses corredores, as salas de trabalho, inspirando-nos, orientando-nos, como verdadeiro nume tutelar desta Instituição.

Sobretudo, sua presença será eterna neste recinto, em que tantos ensinamentos êle ministrou, quer em suas aulas, quer nos relatos de viagem ou de comparecimentos a Congressos internacionais.

Todavia, um outro convívio nesta sala será o mais grato a nossa lembrança: o de nossas reuniões coletivas, de afetuosa intimidade familiar, e que o Prof. Mira dirigia como Chefe, como respeitável e generosa figura paternal, como conselheiro, dando-nos segurança, transmitindo-nos saber.

A idéia-fôrça desta Instituição era êle; e, embora imensa sua autoridade, jamais perdeu a noção de que só poderia realizar sua obra apoiando-se em tôdas as camadas do ISOP, desde o técnico mais graduado ao mais humilde mensageiro.

As homenagens que, neste recinto, hoje são prestadas, expressam a gratidão do povo brasileiro àquele que deu estatura e dimensão nacional à Psicologia Aplicada em nossa terra. A História da Psicologia no Brasil terá sempre um marco imperecível, um divisor de épocas: sempre se falará da Psicologia antes de Mira y López e depois da atuação de Mira y López.

E foi desta casa que se propagou a semente fecunda de sua atuação; aqui êle trabalhava, delineava planos, articulava realizações; aqui êle ensinava, escrevia, preparava comunicações, estimulava pesquisas, um fermentador perto do qual ninguém cessava de estudar. Embora aqui sediado, jamais limitou o âmbito de seu campo; estendeu o raio de operação de suas atividades a todo o território nacional; onde o chamassem, ali estaria êle para difundir o que acumulara; ademais, era homem de atividades em dois continentes: desligado fisicamente da Europa, a ela voltava e dominava os congressos internacionais; sua pessoa foi a maior figura, a mais brilhante, a mais aplaudida no Congresso de Paris, em 1953, e no de Roma, em 1958. Para nosso orgulho era Mira y López, o delegado do Brasil, que estava falando.



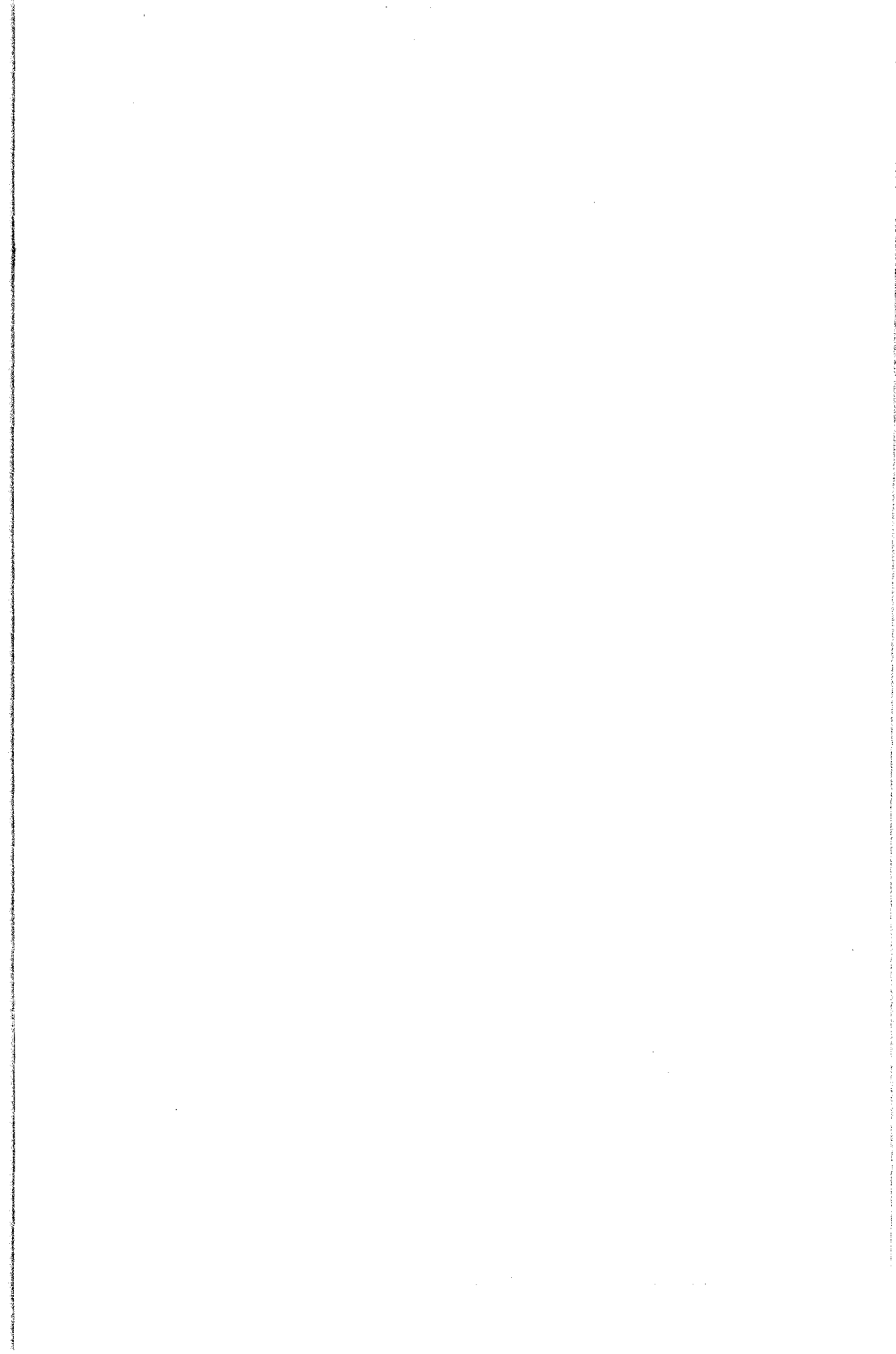
**EMILIO MIRA Y LOPEZ**

1896 - 1984

MORTAL PORQUE HOMBRE.

IMORTAL PORQUE SÁBIO.

• MESTRE E AMIGO.



Projetou internacionalmente o nome de nossa pátria; organizou o VI Congresso Interamericano de Psicologia, realizado em agosto de 1959, quando os delegados estrangeiros foram unânimes em proclamar a liderança que, em Psicologia, nosso país mantém na América do Sul.

Mira y López honrou o Brasil com sua presença!

Foi fiel a seu lema: o de que uma pessoa vale pelo que faz e não pelo que diz. Pois êle conseguiu ser um homem completo: deixa uma obra imperecível através do que fez, do que disse e do que escreveu.

Tocou sempre nossa sensibilidade porque era Chefe e Líder em tôda a extensão da palavra; sabia influenciar pela sugestão e pela persuasão; deslumbrava pela inteligência excepcional, servida por um brilhantismo verbal, de raridade incontestável; capacidade de improvisar extraordinária; um senso de humor com todos os matizes da mordacidade espanhola; instintiva capacidade de organização que o levava a simplificar e sistematizar as mais complexas situações, ao mesmo tempo que dotado de extrema lucidez na arte de coordenar. Entusiasmo. Otimismo. Jovialidade. Agressividade construtiva, tudo êle tinha, tudo dinamizava esta casa e nela mantinha um permanente e elevado grau de moral de grupo. Mas, para nós, havia ainda outra coisa: é o que Mira y López simbolizava: a vitória da inteligência criadora sôbre as angústias e vicissitudes do mundo, o poder do estudo, o desprendimento material, a energia consagrada ao trabalho, o sentido transcendente dos valores humanos.

Permito-me dizer que seu ideal em relação à humanidade estava consubstanciado neste pensamento de Saint-Exupery: "Todo homem vale o outro, porque todos os homens vivem em um dêles e cada um em todos."

Esta homenagem que lhe prestamos é pequena em relação à grande obra que legou à nossa pátria e às gerações vindouras; todavia, por ora é o que podemos oferecer-lhe; uma outra também existirá: nossa promessa, nosso ânimo inabalável de trabalhar e trabalhar muito para continuar sua obra, para sermos dignos dêle, do que êle fez e do que esperava de nós.

E como esta Instituição era sua fortaleza, seu quartel general, aqui fica nossa reverência à sua memória, consubstanciada numa lápide e na permanência de seu retrato, para que dúvida nenhuma persista de que êste ISOP, que êle construiu há 17 anos continuará sendo o ISOP de Mira y López, isto é, de trabalho, de coragem, de integridade científica, e, sobretudo, de um elevado, de um ingente calor humano, que êle, como ninguém, sabia irradiar."

*Palavras do Prof. LOURENÇO FILHO*

“Entre as múltiplas e fecundas criações de Emilio Mira y López, figura a revista *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*. A homenagem que aqui se presta à sua ínclita memória, não poderia faltar, portanto, a palavra comovida de seus companheiros nesse órgão.

Vai para dezesseis anos que êle o fundou, tendo por todo êsse tempo sabido imprimir-lhe perfeita orientação científica e técnica. Não se exagerará ao afirmar que, em suas páginas, continua a palpar alguma coisa do espírito e do coração de Mira.

Não nos referimos tão-sòmente aos valiosos estudos que êle aí publicou, e que aos *Arquivos* mais ràpidamente deveriam consagrar nos meios científicos internacionais. Referimo-nos à ação estimuladora que êle sabia exercer através dessa revista junto a especialistas mais próximos, os do ISOP, como a outros, numerosos, nos mais diversos pontos do país e da América Latina.

Dêsse modo, quem deseje estudar a imensa obra que Mira deixou, em tôda a extensão e profundidade, há de debruçar-se sòbre os números dos *Arquivos*, desde 1948 editados pela Fundação Getúlio Vargas.

Não é esta a oportunidade para que se tente tal estudo, ainda que de forma sumária. O momento se presta, no entanto, para que aqui se recordem alguns aspectos fundamentais da personalidade de Mira e do inestimável legado que aos estudos da psicologia deixou.

Comecemos por notar que, em todo e qualquer domínio da ciência (sem divisão linear, é certo), dois grandes grupos de trabalhadores se caracterizam. Num dêles, figuram os que especialmente se entregam à investigação pura, formulando e revendo conceitos, hipóteses e teorias. Sem essa categoria de homens, o conhecimento não progride. Em outro grupo, situam-se os que cuidam de difundir os conhecimentos feitos e que orientam sua aplicação. Sem êstes, por sua vez, a tecnologia não se expandiria para servir às necessidades do homem, oferecendo-lhe condições de bem-estar. Não seria humana a ciência.

Em qual dêsses grupos se há de classificar Emilio Mira, ou, em qual dêles, sua obra se teria tornado mais viva e presente? A psicologia geral ou à psicologia aplicada? . . . A questão se torna tanto mais atraente quanto, por ela, se vem a reconhecer que Mira y López foi um dêsses raros predestinados que, impelidos por atributos pessoais e certas circunstâncias, podem oferecer ao desenvolvimento de um nôvo campo científico contribuição decisiva.

Segundo seu pendor natural, era êle um pesquisador, inteligência vigilante, voltada para a caracterização de problemas, o esclarecimento e a resolução dêles, no plano conceitual puro. Era dotado de uma esplêndida vitalidade de espírito que não se contentava com meias verdades. Por estas ou aquelas razões, era uma personalidade tensa, em que o pensamento se mantinha constantemente alerta. Onde outros admitiam soluções terminadas, êle via questões novas, a si mesmo se impondo a tarefa de resolvê-las.

Tão simples era o seu trato que, quem não o tivesse conhecido no trabalho de elaboração científica, não lhe terá percebido a espantosa tenacidade intelectual, que lhe ditava uma disciplina férrea. A um primeiro contato, o que nêle ressaltava era a agilidade mental, a capacidade de atenção dispersa de que dispunha. Muitas vêzes o vimos atendendo ao telefone, resolvendo um problema administrativo e mantendo conversa com um visitante, tudo no mesmo lugar e ao mesmo tempo. Quando necessário, porém, sabia substituir êsse comportamento por outro, da mais séria e aprofundada meditação.

Questões, que se mostrassem dignos dela, não o preocupavam apenas por um momento. Não. Desde que o problema permanecesse, permanecia Mira em estado de contínua, ou de iterativa reflexão. Uma questão científica poderia interessá-lo por horas, meses ou anos seguidos. Pelo renome, hoje universal, que alcançou o seu famoso Diagnóstico Miocinético, traduzido em tôdas as línguas de uso científico, tem-se nesse caso o exemplo mais conhecido. Os estudos para formulação dêsse instrumento de análise e seus pressupostos teóricos acompanharam-no por mais de vinte anos, em meios diversos e contingências variáveis, algumas realmente dramáticas.

— Outro exemplo, menos vulgarizado, está na atenção constante que deu aos problemas da psicologia do pensamento. Pelos aspectos de correlação biológica, êsse tema foi por êle tratado, já em 1923, em sua tese de doutorado. Mas, pelas implicações mais amplas de natureza pròpriamente psicológica, deveria constituir o núcleo de um dos seus últimos cursos no ISOP.

Assim se vê que Emilio Mira se entregava a questões teóricas não por um instante, mas por todo o tempo que exigissem, dando com isso razão à conhecida sentença de que “o gênio é, sobretudo, uma longa paciência”.

Realmente, é nessa capacidade quase angustiante de compreender fatos e processos, e de explicá-los, que reside a base mesma do espírito científico. Mira o equilibrava, porém, com um raro poder de inventividade, não de simples sentido estético, mas pragmático, no melhor significado dêste qualificativo. E tudo isso êle sabia submeter a uma atitude crítica permanente. Para com o seu

próprio trabalho, era êle inexorável. Estava sempre insatisfeito, não diremos com o que já tivesse produzido, mas com os planos do que sentia que ainda seria de seu dever produzir.

Sem embargo, e essa parece-nos ainda uma feição marcante de sua personalidade, êle lutava contra qualquer tendência de “perfeccionismo”, que lhe pudesse esterilizar o trabalho. Não mantinha, por isso mesmo, nenhum ar doutoral, não pretendendo dizer a última palavra sôbre o que quer que fôsse. Mas, até onde válidamente tivesse chegado, sabia defender as próprias idéias e convicções com uma firmeza e nitidez impressionantes, senão por vêzes com ar irônico cortante.

Eis, em termos rápidos, alguns aspectos do pesquisador e criador de ciência, ou certas condições de cunho pessoal. Nenhum de nós, porém — e isso Mira nos ensinava sempre —, só por elas se revela, mas, necessariamente também o faz, em função das contingências da vida coletiva. Para repetir Ortega y Gasset, cada um de nós é o seu próprio “eu” e as circunstâncias.

Tais circunstâncias, especialmente poderosas na formação profissional, Mira as pôde encontrar favoráveis em sua juventude, no ambiente científico da Espanha de quarenta anos atrás, o qual estimulava a ciência e suas aplicações.

Neste ponto, será preciso dizer também que êle possuía uma riqueza excepcional de sentimentos; ou, se assim se quiser dizer, que êle era, por menos que parecesse, um homem sentimental. A rigor, não admitia que a ciência se pudesse desenvolver apenas como um vago setor de noções abstratas. Não a podia enxergar como simples jôgo de conceitos vazios, razão por que não podia admitir também uma só tendência de estudos, ou uma só escola. O que desejava, por uma revisão constante de pressupostos, era que as conquistas científicas se viessem a harmonizar, pondo-se ao serviço do desenvolvimento, em favor do bem social e da liberdade entre os homens.

Parece-nos que êsse aspecto, tão profundo em sua personalidade, encontrava em sua juventude possibilidades de expansão, que lhe viriam permitir a realização do próprio destino.

Observe-se que, no ano de seu nascimento, nascia também a psicologia experimental, a ortodoxa de Wundt, “ortodoxa” no sentido de que negava a possibilidade de aplicações à vida comum. Observe-se também que, na quadra final de sua formação médica, a do início da década dos anos 20, acentuava-se o conflito nos estudos psicológicos, pela multiplicidade de tendências e escolas que haviam surgido.



Seus primeiros trabalhos, ainda ao tempo de estudante e logo após a licenciatura em medicina, revelam o esforço de Mira em conhecer, analisar e criticar tôdas as escolas. Foi o primeiro, na Espanha, a escrever sôbre behaviorismo, e dos primeiros, aí também, a examinar as doutrinas de Freud. Em 1925, recebido o título de doutor, escrevia sôbre a tipologia de Kretschmer e o valor das provas de Rorschach, recentes novidades.

Pertencia, então, ao Instituto de Fisiologia da Faculdade de Medicina de Barcelona, vindo logo após a dirigir um nascente Instituto de Orientação Profissional da mesma cidade. Dava também colaboração ao Serviço Psiquiátrico Municipal, ainda encontrando tempo para ativamente participar da redação da *Revista de Pedagogia*. Aí estavam todos os setores de aplicação psicológica: na clínica, no trabalho, na educação.

Certo que o destino da obra científica de Mira teria que modelar-se por essas influências. No confronto da validade teórica e da validade prática de conceitos e modelos, é que êle deveria encontrar um sentido de unidade que, à ação pragmática das aplicações, unisse a feição teórica, absorvente, de sua incomparável inteligência.

Seu pendor para a investigação pura, tão visível na tese de doutorado, entrava em comunhão com a pesquisa em campo tecnológico nôvo, ou ainda mal existente, ao qual deveria dar uma contribuição pessoal inestimável.

A isso se lançou, com especial fervor, procurando conhecer e utilizar instrumentos de análise já criados em diferentes países, inclusive nos Estados Unidos, onde com maior extensão começava a desenvolver-se a psicologia aplicada, campo que, na Europa, mal se havia firmado em pequenos grupos de estudiosos, na Alemanha, Suíça e Bélgica.

O termo *psicotécnica*, no sentido de psicologia aplicada, era no primeiro desses países geralmente admitido, não porém nos de língua latina. No ano de 1924, pede-lhe no entanto a prestigiosa "Enciclopédia Espasa", um artigo sôbre a matéria. Êle o escreve com o título *Psicotécnica* e a influência desse escrito para a difusão do termo, nos países latinos, é por todos os estudiosos reconhecida.

Quando hoje se relê êsse trabalho, de um jovem de 27 anos de idade, fica-se realmente surpreendido com a visão, que já a essa época revelava, das possibilidades de desenvolvimento da matéria. E mais: fica-se admirado como a maior parte de sua obra, a ser depois produzida, continuaria fiel aos fundamentos que êle aí havia traçado e as perspectivas que deixava entrever.

As obras que passou a publicar amplamente o comprovam, em toda uma série de manuais, sobre orientação profissional, psicologia jurídica, estudos de pedagogia prática, aplicações mesmo à vida militar e isso para não aludirmos a seus vastos trabalhos no campo da psiquiatria. A feição sistematizadora, ou teórica, éle jamais a perdeu, como em tantos outros livros e estudos esparsos se observa, e, em especial, na fundamentação de volumes técnicos, como *Psicologia Experimental*, memórias a congressos científicos e problemas que lançava em seus cursos.

Neste momento, imprime-se um pequeno tratado, que modestamente Mira chamou de *Manual de Psicologia Geral*, trabalho a que, dado o caráter sistemático, pode-se com perfeita justeza aplicar este pensamento: "Nos domínios da ciência, uma hora de síntese há de apoiar-se em milhares de horas de análise."

Pois bem. Uma grande parte dessas milhares de horas de análise está registrada nos *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*, em artigos por éle assinados, em notas e comentários, e em pesquisas que sugeriu a discípulos próximos ou distantes. Aí se documenta toda uma vida exemplar de lutas, integralmente votada ao trabalho científico.

Assim, esse órgão que a Fundação Getúlio Vargas vem publicando, pode honrar-se de ser o repositório e veículo de difusão de um intenso labor, com notável influência no desenvolvimento da psicologia no Brasil e outros países.

Vêde, portanto, Senhoras e Senhores, como os companheiros de Emilio Mira y López têm razões para sentirem a mais profunda desolação com a irreparável perda do grande Mestre. A lacuna por éle deixada jamais será totalmente preenchida. Seu exemplo, porém, de dedicação à ciência, de alta e clara visão dos problemas teóricos e técnicos e, sobretudo, de probidade intelectual, permanece como um imenso patrimônio de que em todo o tempo se poderá orgulhar o nosso país e, com éle, em particular, a Fundação Getúlio Vargas.

É esta a palavra de seus companheiros nos *Arquivos*, parte da grande obra que desenvolveu, como documento vivo também de seus sentimentos de compreensão social e humana, dos esforços que realizou para melhoria das condições de vida de nosso país, em sua especialidade.

Entre os louros da coroa de glória de Mira, esses, são os que mais profundamente tocam os seus companheiros dos *Arquivos*. Porque também, mais que outros, seus louros simbolizam a vida do inesquecível Mestre, vida por éles prolongada em toda a sua integridade e excepcional grandeza."

## PALAVRAS DA PROFESSORA EMÍLIA DE MELLO RIBEIRO

“Solicitada pelos organizadores deste preito de gratidão e saudade, para falar em nome daqueles que de longe vieram para ser alunos do Dr. Mira, preocupou-me o não poder representar uma coletividade tão heterogênea como é a dos alunos do nosso professor. Na intenção de melhor cumprir a difícil tarefa, fui ler as cartas que, de diversas partes do mundo, chegaram a seus familiares.

Tomei consciência de que eu não era original, cada palavra de ex-aluno poderia também ser minha e possivelmente meus pensamentos seriam os seus.

Ao iniciar esta simples oração, vem-me à memória a frase com que um adolescente termina uma das cartas, dirigida a um dos filhos de Dr. Mira: “...desculpa se não me expresso bem, mas é a primeira vez que escrevo triste.”

Também é a primeira vez que tenho que vir a público falar triste.

Para falar no Dr. Mira, professor que não nos foi impôsto por uma Faculdade ou instituição escolar, mas líder intelectual que nós elegemos, que foi escolhido pelo muito que tinha a dar.

Nada eu posso dizer que já não esteja no coração dos que me ouvem. A minha história como aluna é mais ou menos a história de todos os seus discípulos.

Conheci pessoalmente Dr. Mira quando, recém-formada pela Universidade do Rio Grande do Sul, já colaborando em um Serviço de Psicologia Aplicada, vim passar as férias no Rio.

Realizava-se o primeiro curso de Formação de Psicotécnicos organizado pelo psicólogo que eu já me habituara a consultar. A curiosidade levou-me à primeira aula; escrava de sua cultura, voltei para as seguintes, visitei o I.S.O.P. que êle fundara. Os dias se passavam, as férias terminaram e eu não voltei para o Sul.

Integrei o curso de Formação de Psicotécnicos, convivi, então, com os técnicos, professores, engenheiros e médicos que, de outros Estados e países da América, vieram buscar aqui o seu curso de pós-graduação.

Só regresssei ao meu trabalho oito meses depois, após o término do curso e estágios.

Dizer a transformação por que passou o meu serviço, seria repetir as palavras da Sra. Grampone, diretora do Instituto Morey y Otero, de Montevideu,

quando se referiu à passagem do Dr. Mira por aquela modelar instituição, ou as do Major Sérgio Vilela, na recente homenagem que São Paulo prestou a Dr. Mira.

Nossos trabalhos foram enriquecidos pelo que aprendemos. A psicologia que aplicávamos tomou uma terceira dimensão; pela primeira vez o aspecto emocional, os traços mais profundos da personalidade foram examinados, dando mais exatidão à nossa análise. Técnicas novas foram aplicadas, a organização foi remodelada. Porém, mais do que isto, um ponto de apoio científico nos foi oferecido, pois sempre voltávamos às portas de suas aulas, que nunca se fecharam, êle nunca deixou de ser o nosso professor.

Tive oportunidade de estagiar no estrangeiro, em instituições similares ao I. S. O. P., e receber aulas de Psicologia. Quando voltei, já na rotina de trabalho, ouvi esta frase de um colega: "Tu voltas do exterior e continuas a citar o Dr. Mira e o I. S. O. P.". E era real, nada me havia impressionado tanto e influído no meu trabalho como o Dr. Mira e minha passagem por esta Casa.

Êle foi o professor didata, profundo e que valorizava seus alunos e colaboradores, fazendo com que cada um desse o melhor dos seus esforços.

Como didata, lembro da propriedade que possuía de tornar fácil o tema difícil, parecia que nós já sabíamos aquela lição. Recordo a palavra fluente, tradutora fiel do pensamento ágil. A objetividade com que traduzia o fato psicológico no comportamento cotidiano e a mímica expressiva com que enfeitava suas aulas.

Como cientista, êle movimentava-se livremente em qualquer campo da psicologia, escudado no seu grande saber sôbre a ciência humana. Seu espírito lúcido e crítico sabia buscar o que havia de científico na literatura de ficção, como sabia encontrar a tendência à ficção na literatura científica. Desprezava os trilhos do ortodoxismo e não aceitava dogmas em ciência. Era o grande eclético que sabia encontrar os pontos de contato entre as diversas correntes psicológicas e as verdades comuns nas teorias que se coadunavam com a natureza material e espiritual do homem, presentes, sabia êle, em todos os atos e setôres da vida.

Tôdas as suas qualidades êle punha a serviço dos que dêle necessitavam. A figura de mestre e terapeuta se confundiam. Na arte de curar como na de ensinar usava todos os recursos, seus clientes assistiam às aulas e seus alunos o consultavam.

Os alunos do nosso mestre contam-se aos milhares, por ter sido o grande divulgador da Psicologia, retirando-a da exclusividade das bibliotecas especia-

lizadas para a biblioteca do homem comum a fim de que este homem pudesse melhor educar seu filho, lidar melhor com seus empregados, conviver melhor. Ele nos ensinou que, como a pessoa humana é una, presente em sua totalidade, em tôdas as circunstâncias, a psicologia não poderia ser repartida em psicologia da aprendizagem, para professores; patológica, para médicos ou, do trabalho, para os industriais. O que deveria haver era o simples aprofundamento nos capítulos específicos à atividade de cada um e técnicas diferentes.

Mas, Dr. Mira não nos ensinou só através de suas aulas ou de seus livros. Ele ensinou, principalmente, com sua atitude perante os trágicos acontecimentos de sua vida.

Aprendemos com ele uma grande lição de psicopatologia, quando, na Espanha, que a guerra civil ensangüentava, teve que fazer funcionar o Hospital Psiquiátrico que dirigia, com os próprios doentes ali internados, porque os empregados fugiam do inimigo que se aproximava.

Aprendemos que o aproveitamento do que há de sadio na mente insana é terapêutico; aprendemos que é sempre possível aproveitar o pouco de capacidade dos incapazes; aprendemos inclusive a entender melhor o Dr. Mira e o porque do crédito de confiança que dava a todos. Deu-nos lição de amor à humanidade, quando o mesmo hospital foi evacuado e ele, com seus colegas, saíram pelas estradas que a aviação estrangeira bombardeava, carregando macas com doentes que eram fragmentos de vida humana e por essas vidas precárias arriscaram as suas em pleno vigor.

Exemplo de autoconfiança e de que o profissional é mais importante do que todo o instrumental de trabalho, nos demonstrou ao cruzar os Pirineus, deixando amigos mortos e ambiente profissional esfacelado e conquistou novas oportunidades de trabalho com sua sabedoria e novos amigos com sua bondade.

Não cabe a mim dizer o que foi a passagem de Dr. Mira, pelos diversos países por onde passou, o que implantou de cultura e os alunos que conquistou.

Dirigentes esclarecidos o convidaram para o Brasil e ele veio trazendo, com a riqueza de sua personalidade, a esposa e colaboradora que se tornou nossa irmã de trabalho. No Brasil, construiu um lar feliz, aberto aos alunos, clientes e amigos; ao Brasil deu três brasileiros lindos.

Trabalhou para conseguir colaboradores e meios para seus trabalhos científicos. Ele foi o revolucionário que lutou por um ideal político em sua pátria, sem nunca pegar em armas, sem derramar sangue ou arrancar vidas, mas estancando sangue e prolongando a vida. Era o grande construtor, jamais poderia

destruir. Na colaboração que deu à ciência brasileira, não derrotou instituições, mas aperfeiçoou as existentes e criou novas, como o I.S.O.P., que foi a "célula mater" de muitos serviços de psicologia aplicada.

Dr. Mira viveu intensamente, mais do que possamos viver, nós seus alunos, por mais que acumulemos anos de existência.

"Perdoa se, em nosso egoísmo, te choramos."

Reportando-nos ainda para o Curso de Formação de Psicotécnicos, lembro que Dr. João Carlos Vital disse em uma aula: "O I.S.O.P. é uma criança que ainda se nutre do Dr. Mira". Os anos passaram e sentimos ainda esta verdade.

Mas, agora, Dr. Mira transpõe as fronteiras da vida com a dignidade e coragem com que transpôs a de sua pátria, e nós estamos vivendo a experiência da maturidade. "Tu nos deixaste sós na senda científica que traçaste. Desculpa se nossos passos vacilam e nossos braços se estendem à procura de apoio... se estamos suportando tão mal a tua última e brutal lição."